

CHIQUITO NARDY, HISTORIADOR E JORNALISTA (1)

Hélio Damante (2)

O certo para definir Chiquito Nardy (1879-1959) é chamá-lo de historiador-jornalista. Ele serviu-se de nossa pequena e grande imprensa, dos jornais do Interior aos grandes diários da Capital, do porte do *Correio Paulistano*, de *A Gazeta* e de *O Estado de S. Paulo*, para divulgar seus conhecimentos históricos. Fazia-o, em geral, sob a forma de pequenas pílulas ou breves artigos, num estilo que foi muito ao gosto de Assis Cintra, Paulo Setúbal e Viriato Correia, escritores de primeira plana.

Dir-se-ia então que foi um cronista menor, ou provinciano, mas o conjunto de sua obra prova o contrário. Dela emerge, no fundo, um historiador vigoroso e exato, preocupado com o detalhe e o documento, sensível às tradições orais, aos usos e costumes que tecem a vida cotidiana e jazem no inconsciente coletivo.

Ao praticar esse tipo de jornalismo, que o tornou uma espécie de "nosso correspondente" do universo da cultura caipira desenvolvida no antigo quadrilátero açucareiro da Província de São Paulo, Francisco Nardy Filho revelou-se historiador nato, vocacionado. Este não é apenas o que escreve História ou traça a biografia, mas o que retifica, acrescenta e abre novas perspectivas críticas, sujeitando-se também a elas.

Ainda agora, pesquisando sua colaboração no *Estado*, que se condensa em um maço de cerca de 500 fichas do Arquivo e foi ininterrupta no período de 1934 a 1952, deparei com seu primeiro artigo neste jornal. Data de anos antes, ou seja, de 14 de outubro de 1931. Já então haviam sido editados os dois primeiros volumes de sua obra maior — *A Cidade de Itu* (história de sua fundação e de seus principais monumentos — vol. I, 1928; *Da Aclamação de D. João VI à Proclamação da República* — vol. II, 1930), obra em quatro tomos, os dois últimos dedicados à cronologia. Traz o artigo um título que retrata sua integridade de historiador: *Retificação*.

F. Nardy Filho retifica-se a si mesmo quanto ao ano da elevação de Itu à vila, em 1654, pelo capitão-mor Gonçalo Couraça de Mesquita. É um pequeno artigo, um breve *post-scriptum*. Envolve, porém, minuciosa pesquisa para chegar a um resultado exato. Pesquisa bibliográfica,

- (1) Palestra proferida na Câmara Municipal de Itu, em 10 de março de 1979, no programa das Comemorações do Centenário do historiador ituano, promovido pela Prefeitura do Município e Museu Paulista da Universidade de São Paulo.
- (2) Do jornal "*O Estado de S. Paulo*".

pesquisa de arquivo, comparações e ilações, que lhe consumiram certamente noites em claro. Não tem pejo de admitir haver errado. Este simples exemplo convida-nos a encarar com a maior seriedade a sua obra, cujo fio condutor é o de interpretar em suas manifestações pretéritas e contemporâneas, aquilo que Othoniel Motta chamava de civilização e nós chamamos de civilização caipira.

Foi para Nardy Filho, em meio à sua carreira de postalista (e a ECT está lhe devendo um selo neste centenário), uma dádiva dos céus exercer o cargo de Diretor do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, então centralizado na rua Santa Teresa, por iniciativa de D. Duarte Leopoldo e Silva.

É desse tempo, ainda sob a forma de pequenas doses de colaboração jornalística, a série de artigos (1935-1936) sobre as antigas igrejas de São Paulo. Origem de seu ensaio "História da fundação das antigas igrejas da cidade de São Paulo, de acordo com a documentação existente no Arquivo da Cúria, nas Atas da Câmara e nos escritos de historiadores e cronistas", publicado no 1.º volume de *São Paulo em Quatro Séculos* (São Paulo, 1953), obra comemorativa do IV Centenário da Cidade, organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Trata-se, sem dúvida, do primeiro trabalho de sistematização sobre as raízes das velhas igrejas paulistanas. Ao fazê-lo com grande poder de síntese, se incide em equívocos, como é natural, não poderia tê-lo feito melhor, à luz das fontes de que dispunha. Em compensação faz retificações importantes.

Não é outro o caso da fundação da igreja de Nossa Senhora da Penha de França, por aclamação popular Padroeira da Cidade de São Paulo, além da primeira Padroeira de Ararituaba, depois Porto Feliz.

Os historiadores, mesmo os atuais, fiados em Azevedo Marques, dão o licenciado Mateus Nunes de Siqueira como fundador dessa capela, e o padre Jacintho Nunes como seu filho e continuador. Chiquito Nardy, à luz do testamento de Mateus Nunes de Siqueira, prova, em meia dúzia de linhas, primeiro, que não foi ele o fundador da ermida da Penha, mas, com sua mãe, de uma "capela do Senhor na Matriz", isto é, na freguesia da Sé (provavelmente o Bom Jesus do Brás, cremos); segundo, não ser o padre Jacintho seu filho, mas seu irmão e terceiro; pelo testamento de Jacintho Nunes, conjugado com o livro de Tombo da Sé, ser este e não Mateus Nunes de Siqueira o verdadeiro fundador da igreja da Penha, "duas léguas distante da cidade".

Este novo exemplo para que não cometamos o juízo apressado de situar Chiquito Nardy como mero cronista e para que sua obra, reunida em livro ou esparsa, seja devidamente valorizada. Tudo isto sem prejuízo da avaliação crítica, pois ele certamente gostaria de ser retificado, sem-

pre que a retificação seja necessária e justa. Foi na verdade um autodidata, mas trabalhou com amor, com vocação e com a sensibilidade, a merecer, portanto, um lugar entre todos aqueles que trouxeram contribuições de valor à História de São Paulo.

Viveu num tempo em que os *Apontamentos* de Azevedo Marques, a *Cronologia* de Jacintho Ribeiro e a *Genealogia* de Silva Leme, eram os "livros sagrados" da historiografia paulista. Como ainda hoje, seus conceitos, muitas vezes equivocados embora inspirados na boa e cristalina fonte dos arquivos, cartórios, atas, inventários e testamentos, eram repetidos de quebrada em quebrada. A crítica histórica e novas contribuições, como a de Afonso de Taunay, Ellis Júnior e Sérgio Buarque de Holanda, constituíam novidades. Construíra-se uma historiografia oficial, de carácter triunfalista, praticamente inamovível.

Para clarear o quadro, Francisco Nardy Filho legou-nos a sua ao mesmo tempo modesta, setorizada e notável contribuição. Ele teve o privilégio de nascer em Itu, morar ainda menino em Piracicaba, voltar para Itu e frequentar o Colégio São Luís, onde irradiava sua influência o notabilíssimo historiador Pe. Rafael Galanti, S. J.; fazer o Curso Anexo em São Paulo, frequentar Cabreúva e Porto Feliz...

Mas diria eu melhor, afirmando que foram essas cidades, suas instituições piás (notadamente a Santa Casa de Itu), religiosas, políticas, cívicas; seus costumes e festas populares, seus grandes homens, que tiveram o privilégio de ter entre os seus Nardy Filho. A todas retribuiu com generosidade a moeda da convivência, da vizinhança, do amor, da amizade, do companheirismo, fazendo-se seu cronista e historiador.

Os seus ensaios sobre os vigários de Itu, Piracicaba e Porto Feliz, lançam uma importante luz sobre a vida dessas cidades, não meramente factual ou cronológica. Assim também os capitães-mores de Porto Feliz e a história de seu porto, da fundação de Araraguaba à partida da última monção, já no século passado. A história da Comarca de Itu não se pode fazer sem seu estudo dos Juizes de Fora e dos Juizes de Direito, parte do livro maior referido.

A moderna historiografia dá a ênfase necessária ao que se chama a história do povo, tantas vezes demagogicamente explorada, mas indispensável ao conhecimento da Nação como um todo, já dizia Capistrano de Abreu. Chiquito Nardy a fez também. Ignoro se reuniu em livro essa parte, mas convém lembrar que nele vislumbro um folclorista-historiador, do naipe de Aluísio de Almeida.

Assim, pois, apenas pelos seus artigos no *Estado*, ficamos sabendo sobre caçadas e caçadores, onde entra o uso de *piós*, típica criação artesanal destinada a atrair a caça; sobre "comes e bebes" como se diz na roça; sobre a arte do bordado, e nela a das "flores de coco", sobre superstições e crendices.

Estudioso da vida de Feijó, cuja naturalidade ituana reivindicou com calor, quando o assunto não estava ainda claro, o foi também da Convenção Republicana. Ora, tendo vivido até os dez anos de idade sob o regime monárquico, não é sem nostalgia que em 15 de novembro de 1946 publicava um artigo sobre *O Terceiro Reinado*. Notem a data, notem o título, notem a novidade do tema.

A exemplo de Itu, sua terra, um rosário de cidades do Estado tem uma dívida com F. Nardy Filho e um lugar em sua obra, a ser devidamente valorizado agora que tanta importância se empresta à história, ou melhor, às histórias locais.